

Rumos da economia

Entrevista: Riordan Roett, brasiliense e professor da Universidade John Hopkins, de Washington

“Brasil tem sido sortudo com presidentes”

Alex Ribeiro
De Washington

A presidente Dilma Rousseff já deixou a sua marca própria no Palácio do Planalto, com a demissão de sete ministros e o seu esforço para “desaparecer com o velho processo político brasileiro”, afirma o professor americano Riordan Roett, da Universidade John Hopkins, de Washington.

Ele é um dos mais respeitados “brasilienses” da velha geração, com um olhar completo do país, incluindo aspectos históricos, econômicos, políticos e sociológicos – em oposição à nova leva de pesquisadores interessados no Brasil, que vai a fundo em tópicos mais especializados, como políticas sociais.

Roett diz que há muitos acertos na estratégia recente de desenvolvimento do Brasil, como na forte atuação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para garantir que haja empresas “campeões nacionais”, como uma Gerdau, uma Embraer ou uma Vale. “São companhias nos melhores padrões, geridas por administradores de nível internacional”, afirmou. “Não há nada disso na Argentina.”

Mas ele pondera que, no pré-sal, o Brasil deverá buscar um balanço certo na exigência de conteúdo local para, ao mesmo tempo, criar empregos locais e atrair a tecnologia estrangeira que precisa. “Não acho que a exigência de conteúdo local em 65% faça algum sentido”, afirmou. “Algo como 20% ou 25%, sim.”

Roett, 73 anos, recebeu o “Valor” em seu escritório na Johns Hopkins, com livros sobre o Brasil e a América Latina quase despendendo das prateleiras lotadas, numa tarde chuvosa da primavera. De lá, ele chefiava o Departamento de Estudos do Hemisfério Ocidental, onde seus interesses incluem também países como o México e da região andina.

Para ele, os Estados Unidos ainda não entendem direito o Brasil, e é acertada a aposta brasileira nos BRICs. “Amo os BRICs”, afirmou.

Abaixo, os principais trechos editados da entrevista, feita predominantemente em inglês, mas entremeada com frase em português – idioma em que Roett é fluente, depois de dar aulas no Brasil e pelo convívio no exterior com professores brasileiros exilados, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Valor: A presidente Dilma já marcou alguma diferença em relação aos seus antecessores?

Riordan Roett: Fiquei impressionado ao ir ao Brasil em março. Muitos colegas não esperavam uma presidente demitindo sete ministros. A popularidade dela está bem alta. Havia muita corrupção conhecida no governo Lula. Se ele sabia ou não, é uma discussão. Dilma quer que o velho processo político desapareça.

Ela colocou a própria marca na presidência. Mas, como você sabe, o Lula segue uma personalidade extremamente popular, por razões certas. Bolsa Família, Brasil como um dos BRICs, expansão da classe C. O Brasil tem sido sortudo com vários bons presidentes, todos com exatamente o tom certo em termos de realidades globais de cada momento. Surgiu o Fernando Henrique, que deixou a sua marca na história com o Plano Real, e uma série de presidentes mais competentes. Os brasileiros estavam fartos de inflação e de presidentes incompetentes, de Collor, Sarney e Itamar.

Valor: Os investidores estão muito entusiasmados com o Brasil, como estiveram no passado com o México e a Argentina, antes de crises. Estamos vivendo uma bolha?

Roett: Sempre existe o risco de bolhas. As autoridades estão bem conscientes. Essa é a razão pela qual o ministro da Fazenda, Guido Mantega, fala da guerra de moedas, a presidente Dilma fala de tsunami monetário. As

autoridades monetárias estão administrando muito bem, baixando os juros básicos. O Brasil é um país muito atrativo.

Estava falando com a nova presidente da Boeing no Brasil, Donna Hrinak, e ela não consegue achar espaço para seu escritório nas áreas centrais de São Paulo. É uma loucura. Todo mundo tem que estar no Brasil. Isso é bom e ruim. Parte é movido pela dinâmica sociedade de consumo representada pela nova classe média baixa. Mas também é alimentado por crédito demais. O governo deve estar preocupado, como nos Estados Unidos, com o excesso de dívidas. Mas o Brasil não está tão ruim.

Os brasileiros estavam fartos de inflação e de presidentes incompetentes, de Collor, Sarney e Itamar

Valor: Essa é uma trajetória de crescimento sustentável ou apenas estamos surfando nos altos preços das commodities?

Roett: Todos conhecemos a agenda de reformas para o Brasil, um sistema tributário maluco, inflexibilidade no mercado de trabalho, falta de infraestrutura, reforma da Previdência. Isso exige ação política. Mas, apesar disso, dado o crescimento da China, vai haver razoável demanda por matérias-primas da América do Sul por um bom tempo, a menos que você assuma que a China vai ter um pouso forçado, o que eu não creio. Desde que haja um equilíbrio com empresas como Embraer e outras companhias competitivas internacionalmente, o dilema da dependência de recursos naturais não é muito sério. Qualquer governo, PT, PSDB, DEM – nunca vai haver um governo do DEM – terá que trabalhar para capitalizar o pré-sal, terá que contar com tecnologias e conhecimento estrangeiro. Como você sabe, há uma falta de cientistas, de perfuradores de poços. A presidente Dilma está atenta a isso. Mas o programa do governo de levar 100 mil estudantes ao exterior não terá impacto em um ou dois anos, embora seja exatamente o tipo de decisão que você precisa tomar para daqui a cinco anos.

Valor: Há uma tendência de aumento de protecionismo no Brasil, com o caso dos automóveis mexicanos, por exemplo?

Roett: Não vejo isso como uma tendência. Acho que pode haver casos individuais, como o do México. Não quero defender a medida, mas consigo compreender porque os brasileiros fizeram isso. Esse é um período difícil para o governo. Incerteza sobre os fluxos de capitais estrangeiros, pressões inflacionárias, uma agenda de reformas que está se movendo muito devagar. Era previsível que isso fosse acontecer com os mexicanos. Só espero que não vire um padrão.

Valor: A indústria mexicana está renascendo. Por que é tão difícil no Brasil?

Roett: Parte do sucesso do México é devido às “maquiladoras”.

É uma questão de geografia, o Brasil não poderá ter uma “maquiladora” para exportar para os Estados Unidos. O empresário Eike Batista disse recentemente que precisamos de mais empreendedorismo no Brasil, de assumir mais riscos. Ele está absolutamente certo. O Brasil saiu de uma história de corporativismo, de estatais, câmbio administrado. Você tem que abrir a economia para competição e assumir riscos. Isso já está caminhando, de forma lenta. Vocês têm empresas de primeira classe, como a Gerdau, a Vale, as empresas do Eike. É apenas uma questão de prover os recursos humanos. Duas coisas fundamentais: educação e infraestrutura física.

Valor: As operações do BNDES aumentaram muito nos últimos anos. Isso é um bom uso de dinheiro público?

Roett: Desde que não subsistem empresas incompetentes,

algo que eles não estão fazendo.

Existe a questão dos campeões nacionais. O BNDES gosta de apoiar campeões nacionais. Também, é claro, existe a questão de que os campeões ocupam o espaço no crédito das pequenas e médias empresas, que criam mais

do bem as descobertas de petróleo no pré-sal?

Roett: Não sabemos ainda. O governo tem que decidir a distribuição das receitas. Esse é um tema bastante político. Seria um tema político em meu país, em qualquer país. É uma coisa difícil para a Dilma resolver. Em segundo lugar, tem que definir como o fundo social do pré-sal – um monte de dinheiro, em teoria – vai ser administrado, quem vai administrar, quais são exatamente os objetivos. Terceiro lugar, a relação do governo com as companhias internacionais de petróleo. A Petrobras dá conta do recado sozinha?

Valor: É uma boa ideia a exigência de conteúdo local no pré-sal?

Roett: Em teoria, sim. Criar empregos. Criar empregos é muito importante. Mas não considero que a exigência de conteúdo local em 65% faça algum sentido. Algo como 20%, 25%, dependendo do segmento, faz sentido. Não dá para fazer tudo, e é preciso ter um objetivo para cada momento.

Valor: O Brasil está voltando para o modelo econômico dos anos 1970?

Roett: Esse é um argumento potencialmente correto. As estatais estão desempenhando um grande papel na economia. Mas acho, porém, que o governo brasileiro entende a importância da dinâmica de mercado. Dito isso, tem todo esse episódio em torno da Chevron. Levantou a questão se não há muito Estado na indústria de petróleo no momento. Se o Brasil quer se mover rapidamente para capitalizar o pré-sal, terá que contar com tecnologias e conhecimento estrangeiro. Como você sabe, há uma falta de cientistas, de perfuradores de poços. A presidente Dilma está atenta a isso. Mas o programa do governo de levar 100 mil estudantes ao exterior não terá impacto em um ou dois anos, embora seja exatamente o tipo de decisão que você precisa tomar para daqui a cinco anos.

Valor: Há uma tendência de aumento de protecionismo no Brasil, com o caso dos automóveis mexicanos, por exemplo?

Roett: Não vejo isso como uma tendência. Acho que pode haver casos individuais, como o do México. Não quero defender a medida, mas consigo compreender porque os brasileiros fizeram isso. Esse é um período difícil para o governo. Incerteza sobre os fluxos de capitais estrangeiros, pressões inflacionárias, uma agenda de reformas que está se movendo muito devagar. Era previsível que isso fosse acontecer com os mexicanos. Só espero que não vire um padrão.

Valor: A indústria mexicana está renascendo. Por que é tão difícil no Brasil?

Roett: Parte do sucesso do México é devido às “maquiladoras”.

É uma questão de geografia, o Brasil não poderá ter uma “maquiladora” para exportar para os Estados Unidos. O empresário Eike Batista disse recentemente que precisamos de mais empreendedorismo no Brasil, de assumir mais riscos. Ele está absolutamente certo. O Brasil saiu de uma história de corporativismo, de estatais, câmbio administrado. Você tem que abrir a economia para competição e assumir riscos. Isso já está caminhando, de forma lenta. Vocês têm empresas de primeira classe, como a Gerdau, a Vale, as empresas do Eike. É apenas uma questão de prover os recursos humanos. Duas coisas fundamentais: educação e infraestrutura física.

Valor: As operações do BNDES aumentaram muito nos últimos anos. Isso é um bom uso de dinheiro público?

Roett: Desde que não subsistem empresas incompetentes,

algo que eles não estão fazendo.

Existe a questão dos campeões nacionais. O BNDES gosta de apoiar campeões nacionais. Também, é claro, existe a questão de que os campeões ocupam o espaço no crédito das pequenas e médias empresas, que criam mais

do bem as descobertas de petróleo no pré-sal?

Roett: Não sabemos ainda. O governo tem que decidir a distribuição das receitas. Esse é um tema bastante político. Seria um tema político em meu país, em qualquer país. É uma coisa difícil para a Dilma resolver. Em segundo lugar, tem que definir como o fundo social do pré-sal – um monte de dinheiro, em teoria – vai ser administrado, quem vai administrar, quais são exatamente os objetivos. Terceiro lugar, a relação do governo com as companhias internacionais de petróleo. A Petrobras dá conta do recado sozinha?

Valor: É uma boa ideia a exigência de conteúdo local no pré-sal?

Roett: Em teoria, sim. Criar empregos. Criar empregos é muito importante. Mas não considero que a exigência de conteúdo local em 65% faça algum sentido. Algo como 20%, 25%, dependendo do segmento, faz sentido. Não dá para fazer tudo, e é preciso ter um objetivo para cada momento.

Valor: O Brasil está voltando para o modelo econômico dos anos 1970?

Roett: Esse é um argumento potencialmente correto. As estatais estão desempenhando um grande papel na economia. Mas acho, porém, que o governo brasileiro entende a importância da dinâmica de mercado. Dito isso, tem todo esse episódio em torno da Chevron. Levantou a questão se não há muito Estado na indústria de petróleo no momento. Se o Brasil quer se mover rapidamente para capitalizar o pré-sal, terá que contar com tecnologias e conhecimento estrangeiro. Como você sabe, há uma falta de cientistas, de perfuradores de poços. A presidente Dilma está atenta a isso. Mas o programa do governo de levar 100 mil estudantes ao exterior não terá impacto em um ou dois anos, embora seja exatamente o tipo de decisão que você precisa tomar para daqui a cinco anos.

Valor: Há uma tendência de aumento de protecionismo no Brasil, com o caso dos automóveis mexicanos, por exemplo?

Roett: Não vejo isso como uma tendência. Acho que pode haver casos individuais, como o do México. Não quero defender a medida, mas consigo compreender porque os brasileiros fizeram isso. Esse é um período difícil para o governo. Incerteza sobre os fluxos de capitais estrangeiros, pressões inflacionárias, uma agenda de reformas que está se movendo muito devagar. Era previsível que isso fosse acontecer com os mexicanos. Só espero que não vire um padrão.

Valor: A indústria mexicana está renascendo. Por que é tão difícil no Brasil?

Roett: Parte do sucesso do México é devido às “maquiladoras”.

É uma questão de geografia, o Brasil não poderá ter uma “maquiladora” para exportar para os Estados Unidos. O empresário Eike Batista disse recentemente que precisamos de mais empreendedorismo no Brasil, de assumir mais riscos. Ele está absolutamente certo. O Brasil saiu de uma história de corporativismo, de estatais, câmbio administrado. Você tem que abrir a economia para competição e assumir riscos. Isso já está caminhando, de forma lenta. Vocês têm empresas de primeira classe, como a Gerdau, a Vale, as empresas do Eike. É apenas uma questão de prover os recursos humanos. Duas coisas fundamentais: educação e infraestrutura física.

Valor: As operações do BNDES aumentaram muito nos últimos anos. Isso é um bom uso de dinheiro público?

Roett: Desde que não subsistem empresas incompetentes,

algo que eles não estão fazendo.

Existe a questão dos campeões nacionais. O BNDES gosta de apoiar campeões nacionais. Também, é claro, existe a questão de que os campeões ocupam o espaço no crédito das pequenas e médias empresas, que criam mais

do bem as descobertas de petróleo no pré-sal?

Roett: Não sabemos ainda. O governo tem que decidir a distribuição das receitas. Esse é um tema bastante político. Seria um tema político em meu país, em qualquer país. É uma coisa difícil para a Dilma resolver. Em segundo lugar, tem que definir como o fundo social do pré-sal – um monte de dinheiro, em teoria – vai ser administrado, quem vai administrar, quais são exatamente os objetivos. Terceiro lugar, a relação do governo com as companhias internacionais de petróleo. A Petrobras dá conta do recado sozinha?

Valor: É uma boa ideia a exigência de conteúdo local no pré-sal?

Roett: Em teoria, sim. Criar empregos. Criar empregos é muito importante. Mas não considero que a exigência de conteúdo local em 65% faça algum sentido. Algo como 20%, 25%, dependendo do segmento, faz sentido. Não dá para fazer tudo, e é preciso ter um objetivo para cada momento.

Valor: O Brasil está voltando para o modelo econômico dos anos 1970?

Roett: Esse é um argumento potencialmente correto. As estatais estão desempenhando um grande papel na economia. Mas acho, porém, que o governo brasileiro entende a importância da dinâmica de mercado. Dito isso, tem todo esse episódio em torno da Chevron. Levantou a questão se não há muito Estado na indústria de petróleo no momento. Se o Brasil quer se mover rapidamente para capitalizar o pré-sal, terá que contar com tecnologias e conhecimento estrangeiro. Como você sabe, há uma falta de cientistas, de perfuradores de poços. A presidente Dilma está atenta a isso. Mas o programa do governo de levar 100 mil estudantes ao exterior não terá impacto em um ou dois anos, embora seja exatamente o tipo de decisão que você precisa tomar para daqui a cinco anos.

Valor: Há uma tendência de aumento de protecionismo no Brasil, com o caso dos automóveis mexicanos, por exemplo?

Roett: Não vejo isso como uma tendência. Acho que pode haver casos individuais, como o do México. Não quero defender a medida, mas consigo compreender porque os brasileiros fizeram isso. Esse é um período difícil para o governo. Incerteza sobre os fluxos de capitais estrangeiros, pressões inflacionárias, uma agenda de reformas que está se movendo muito devagar. Era previsível que isso fosse acontecer com os mexicanos. Só espero que não vire um padrão.

Valor: A indústria mexicana está renascendo. Por que é tão difícil no Brasil?

Roett: Parte do sucesso do México é devido às “maquiladoras”.

É uma questão de geografia, o Brasil não poderá ter uma “maquiladora” para exportar para os Estados Unidos. O empresário Eike Batista disse recentemente que precisamos de mais empreendedorismo no Brasil, de assumir mais riscos. Ele está absolutamente certo. O Brasil saiu de uma história de corporativismo, de estatais, câmbio administrado. Você tem que abrir a economia para competição e assumir riscos. Isso já está caminhando, de forma lenta. Vocês têm empresas de primeira classe, como a Gerdau, a Vale, as empresas do Eike. É apenas uma questão de prover os recursos humanos. Duas coisas fundamentais: educação e infraestrutura física.

Valor: As operações do BNDES aumentaram muito nos últimos anos. Isso é um bom uso de dinheiro público?

Roett: Desde que não subsistem empresas incompetentes,

algo que eles não estão fazendo.

Existe a questão dos campeões nacionais. O BNDES gosta de apoiar campeões nacionais. Também, é claro, existe a questão de que os campeões ocupam o espaço no crédito das pequenas e médias empresas, que criam mais

do bem as descobertas de petróleo no pré-sal?

Roett: Não sabemos ainda. O governo tem que decidir a distribuição das receitas. Esse é um tema bastante político. Seria um tema político em meu país, em qualquer país. É uma coisa difícil para a Dilma resolver. Em segundo lugar, tem que definir como o fundo social do pré-sal – um monte de dinheiro, em teoria – vai ser administrado, quem vai administrar, quais são exatamente os objetivos. Terceiro lugar, a relação do governo com as companhias internacionais de petróleo. A Petrobras dá conta do recado sozinha?

Valor: É uma boa ideia a exigência de conteúdo local no pré-sal?

Roett: Em te